



**PORTUGUESE A1 – STANDARD LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A1 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A1 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1**

Thursday 13 May 2010 (afternoon)  
Jeudi 13 mai 2010 (après-midi)  
Jueves 13 de mayo de 2010 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only. It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages. Le commentaire ne doit pas nécessairement répondre aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le désirez.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento. No es obligatorio responder directamente a las preguntas que se ofrecen a modo de guía. Sin embargo, puede usarlas si lo desea.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

Lembro-me muito bem. Foi no monte. Meu avô ressonava à sombra dum carvalho, com a espingarda de andar aos coelhos encostada ao tronco morno e os cães a vaguear ao redor, impacientes, frustradíssimos.

5 Isso de meu avô andar aos coelhos era uma patusca conversa, era mesmo uma patusca conversa. Que meu avô saía cedo lá de casa com a espingarda ao ombro e um ror de cães a ladrar festivamente, sim, é verdade; mas que regressasse com coelhos no cinturão...

Nunca caçou nada, nem um melro. Caçar coelhos!... Creio firmemente que, do meio duma ponte, meu avô seria incapaz de acertar no rio. Caçar coelhos!... Meu avô apreciava só o aparato daquilo, o *pum-pum* dos tiros perdidos, o *au-au* dos cães defraudados.

10 Eu acompanhava-o sempre. Competia-me levar os mantimentos, a saber: o bernal com o presunto e a broa, mais a cabaça do tinto. Aquilo agradava-me, como me agradava tropeçar no mato, como me agradava ouvir o maticar dos cães, como me agradava rolar olhos ávidos pelo mundo, como me agradava discutir com meu avô a possibilidade da existência de alma nos grilos. Poeta – aí está o que eu era, um poeta de nove anos; poetas – aí está, afinal, o que  
15 nós éramos. Enquanto o poeta de sessenta e quatro anos ressonava sossegadamente à sombra duma árvore, que fazia o dos nove? Afastava-se de mansinho, pé ante pé, já sem o bernal e a cabaça, e ei-lo a demandar alvoroçadamente os cumes onde o horizonte é mais vasto e o vento sopra mais impetuoso.

20 Pois foi numa dessas escapadas que conheci Patrícia. Eu ia com as mãos atrás das costas, sorrindo amigavelmente às coisas, e só atentei na Patrícia quando, a bem dizer, esbarrámos. Esbarrámos, sim, e depois? Depois lá fiquei eu especado, de boca aberta e olhos arregalados, como tu ficarias se a visses.

Bom, descrever Patrícia é impossível; contudo, se descrever a beleza, a graciosidade, o sorriso de Patrícia é cometimento de todo impossível, posso, sem esforço, reproduzir as suas palavras.

25 – Olá! – começou ela. Estou aqui a passar férias. És amigo do meu irmão, não és?

Que voz!... Rouquita, sim, mas que voz!... E o sorriso?...

– Sou... quero dizer, quem é o irmão de... da... quem é o teu irmão? – articulei, quinze segundos depois, talvez mais, talvez menos.

Logo ela, pasmada:

30 – Não conheces o meu irmão?!

Sacudi a cabeça, com cara de réu: que não, que não conhecia.

– É o Luís – informou Patrícia. – Já anda no liceu. Todos os rapazes o conhecem. Tu não és daqui, pois não?

Recobrei algum ânimo:

35 – Não. Sou de Braga e também estou a passar férias. Vim pelo monte com meu avô, que está a dormir acolá em baixo com os cães à roda. Tu conheces o meu avô?

– Não – disse. – Se calhar é o caseiro do meu pai.

– Meu avô não é caseiro nenhum! – retorqui altivamente. – Meu avô é caçador!

Patrícia denunciou estranheza:

40 – Caçador?!

Logo eu, com arreganho:

– Caçador, sim! Todos os coelhos o estimam!

Altino do Tojal, *Patrícia* (adapt.) in *Os Putos*, Portugal (1996)

- Interprete as reticências com que termina o segundo parágrafo do texto.
- Explique a resposta do narrador a Patrícia (*linhas 35–36*).
- Porque motivo o narrador se vê a si e ao avô como poetas?
- No domínio formal, saliente os aspectos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.

2.

### Tu

Tu és aquela que não fica triste.  
A sinaleira dos caminhos retos,  
De olhos serenos, como os astros quietos,  
No claro rumo que, sonhando, abriste.

5 Tu és aquela que, em silêncio, viste  
Os bons costumes serem, por discretos,  
Em fiel tismados – males indiretos –  
De alma tranquila como não existe.

10 Tu és aquela que jamais se importa.  
Quando enganada a luz de Deus te assiste  
Teu coração, meigo jardim de afetos,

Sendo da vida uma risonha porta.  
Te faz aquela que não fica triste  
A sinaleira dos caminhos retos.

Ives Gandra Martins, *Poetas Paulistas*, Brasil (2004)

- Interprete a figura de estilo que estrutura o poema.
  - Explique a repetição do segundo verso no final do poema.
  - Apresente a sua reacção ao título.
  - No domínio formal, saliente os aspectos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.
-